



APRESENTAÇÃO

ANA RÜSCHE
ANDRÉ CORRÊA DA SILVA DE ARAUJO
ELIZABETH GINWAY

Ana Rüsché

Doutorado em Estudos Literários e Linguísticos, em Inglês, pela Universidade de São Paulo (USP), 2015.

Membro do “Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica”, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3640438371450743>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4052-7283>.

E-mail: anarusche@gmail.com.

André Corrêa da Silva de Araujo

Doutorado em Comunicação e Informação pelo PPGCOM-UFRGS.

Membro do Diretório CNPq Grupo de Pesquisa Semiótica e Culturas da Comunicação.

Membro do GPESC desde 2009.

Membro fundador do GPEP (Grupo de Pesquisa em Ecologia das Práticas), desde 2016.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6902755875135456>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3579-2963>.

E-mail: andrecsaraujo@gmail.com.

Elizabeth Ginway

Doutorado em Línguas Portuguesa e Espanhola, pela Vanderbilt University.

Professora na Universidade da Flórida, EUA.

Lattes: <https://people.clas.ufl.edu/eginway>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0701-116X>.

E-mail: eginway@ufl.edu.

A ecocrítica, enquanto campo interdisciplinar de estudos voltado para a análise das relações entre cultura, literatura, artes e o meio ambiente, consolidou-se nas últimas décadas como uma abordagem fundamental para compreender as múltiplas implicações simbólicas, políticas e materiais da crise ecológica contemporânea. Desde os trabalhos fundadores de Cheryll Glotfelty e Harold Fromm nos Estados Unidos, nos anos 1990, a ecocrítica expandiu-se substancialmente ao longo das últimas décadas, incorporando novos vocabulários e preocupações.

Inicialmente percebida com ceticismo por parte do establishment acadêmico, a ecocrítica passou por uma notável expansão a partir dos anos 1990, com o estabelecimento da *Association for the Study of Literature and Environment* (ASLE) e da revista *ISLE*. A proposta evoluiu para incluir paisagens metropolitanas, ruínas industriais, territórios contaminados e, sobretudo, as dinâmicas de injustiça ambiental que atravessam espaços racializados, generizados e marginalizados. Na América Latina, essa proposta aprofundou-se ao longo de três décadas, com pesquisas relativas a problemas mais frequentes no Sul Global, considerando a exploração de seus territórios por agentes da mineração e agronegócio, entre outros, que geram desastres ambientais de grande porte, piorando a vulnerabilidade de camadas sociais já atingidas pelo racismo, sexismo e o empobrecimento, entre outras mazelas.

O presente dossiê, “Tendências da ecoficção e da ecocrítica na contemporaneidade” tenta abordar perspectivas críticas e teóricas da ecocrítica contemporânea, com atenção a um olhar localizado e focado em textos literários produzidos no ambiente latino-americano, que refletem certos movimentos de expansão e problematização da perspectiva da ecocrítica.

Tal movimento é visível na preferência de alguns autores, como Lawrence Buell, que expressa com maior precisão a heterogeneidade dos focos teóricos e a natureza híbrida das paisagens analisadas. Essa ampliação do escopo e do aparato crítico da ecocrítica, notável nos textos presentes no Dossiê, está diretamente relacionada a seu diálogo com campos como os estudos pós-coloniais, os estudos sobre raça, gênero e sexualidade, a virada ontológica e a virada decolonial nas humanidades, além de focar sua atenção num escopo para além de preocupações com a representação da natureza intocada e incorporando temas como o Antropoceno, a justiça ambiental, os resíduos, o extrativismo e os efeitos desiguais das mudanças climáticas, a exemplo das pesquisas das últimas décadas de Ursula Heise (2008); Rob Nixon (2011); e de Elizabeth DeLoughrey, Jill Didur e Anthony Carrigan (2015).

A crise ecológica também se traduz em uma preocupação no campo da criação literária. Ainda em 2016, o romancista indiano Amitav Ghosh problematizava a relação entre a narrativa literária e as mudanças climáticas. Em sua visão, haveria um descompasso entre as formas cristalizadas do romance em sua capacidade de representar e narrar um mundo que parece cada dia mais distinto. Esse descompasso se daria a partir “das formas peculiares de resistência que as mudanças climáticas impõem àquilo que hoje se considera ficção séria” (Ghosh, 2023, p. 15). A ficção séria, para Ghosh, seria o realismo, gênero por excelência do romance moderno. Nesse sentido, Ghosh parece apontar para o fato de que um novo regime climático (Latour, 2020) implica a elaboração de um novo regime narrativo.

Esse apontamento de Ghosh encontra ressonância em publicações que propõem diferentes formas para se entender a relação entre o

Antropoceno e suas figurações na literatura, como se o fato de tratar ficcionalmente das mudanças climáticas necessitasse a constituição de um novo gênero para a ficção. Há propostas para “ficções do Antropoceno”, em Adam Trexler (2015), “ficção climática”, em Gregers Andersen (2019), “ficções do câmbio climático”, em Antonia Mehnert (2016), “poéticas do Antropoceno” em David Farrier (2019), entre outros.

Se tomamos tais trabalhos como diagnósticos, observamos como há um tipo de “esgotamento” na forma realista de narrar perante as variações do Antropoceno. Tais autores apontam determinados limites das convenções realistas para expressar questões próprias do câmbio climático, como eventos catastróficos em escalas planetárias (Trexler, 2015; Vermeulen, 2020; Ghosh, 2023), a emergência de tempos profundos e multipolares (Farrier, 2019; Mehnert, 2016), o protagonismo da paisagem e da “natureza” como agente (Andersen, 2019; Andermann, 2018; Fonseca, 2020), a súbita aparição de personagens não humanos (Ghosh, 2023).

Se o Antropoceno parece se caracterizar como um desafio tanto para a crítica (e ecocrítica) como também do ponto de vista da criação, também podemos elencar aí um conjunto de práticas e dinâmicas que também afetam a literatura nesses dois polos.

A articulação entre ecocrítica e estudos pós-coloniais tem sido especialmente interessante. Obras como *Postcolonial Ecocriticism*, de Graham Huggan e Helen Tiffin (2010); e *Postcolonial Ecologies*, organizada por Elizabeth DeLoughrey e George B. Handley (2011), apontam para os modos pelos quais a colonização implicou não apenas a expropriação de terras e corpos, mas também a imposição de uma visão de mundo que dissocia cultura e natureza. A crítica pós-colonial denuncia como o imperialismo transformou tanto pessoas

quanto territórios em recursos exploráveis, silenciando saberes e formas de vida alternativas. Nesse sentido, a ecocrítica deve assumir uma função ética e política de descolonização das epistemologias ambientais ocidentais, reconhecendo outras formas de relação com o mundo e propondo novos horizontes de convivência e resistência. Pensar ecologia em contextos colonizados é também recuperar histórias de resistência e modos outros de habitar o mundo.

Na América Latina, esse campo encontrou solo fértil e ressonância própria, articulando-se tanto com legados históricos de violência ecológica e extração colonial quanto com práticas culturais e formas de conhecimento que resistem à lógica moderna do mundo único. A produção literária e cultural latino-americana — como propõe Gisela Heffes — não apenas responde a preocupações ambientais, mas propõe epistemologias alternativas, frequentemente situadas na interseção entre biopolítica e ecocrítica. Esse movimento desafia as fronteiras do cânone e reposiciona temas como resíduos, desertos, florestas, águas e corpos como elementos centrais de uma crítica ambiental situada.

No contexto latino-americano, essa ampliação ganha contornos particulares, marcados por histórias coloniais de exploração da terra e dos corpos, formas de conhecimento subalternizadas e por uma relação intensa entre violência sociopolítica e destruição ambiental. A América Latina tem sido pensada como um espaço privilegiado para o desenvolvimento de perspectivas ecocríticas que desafiem os paradigmas eurocentrados e antropocêntricos ainda presentes em parte do campo. Nesse sentido, autores como Gisela Heffes (2021), Gabriel Giorgi (2021) e Macarena Gómez-Barris (2017) destacam a necessidade de uma ecocrítica situada, atenta às singularidades das formações sociais e culturais latino-americanas.

Rob Nixon (2011) introduz o conceito de “violência lenta” (slow violence) para nomear formas de destruição ambiental que operam de maneira dispersa, cumulativa e invisível, afetando sobretudo populações empobrecidas e racializadas. Essa noção tem sido particularmente fértil para os estudos latino-americanos, dado o histórico de degradação ambiental ligada a projetos coloniais e neocoloniais de exploração de recursos. Marisol de la Cadena (2015), por sua vez, propõe o conceito de “cosmopolíticas” para dar conta das ontologias não modernas de comunidades indígenas andinas, desafiando a separação entre natureza e cultura imposta pelo pensamento ocidental moderno. Já Gisela Heffes, em sua análise de resíduos e ruínas no espaço urbano latino-americano, articula uma estética do descarte com os legados da modernidade periférica e os efeitos do capitalismo global (Heffes, 2021).

Elizabeth DeLoughrey (2019) propõe uma crítica “infraestrutural” e transoceânica da crise ambiental, argumentando pela necessidade de abordagens que articulem história ambiental, colonialismo e resistência cultural. Em diálogo com essas propostas, a ecocrítica latino-americana tem se aproximado de campos como os estudos decoloniais, a teoria pós-colonial e os estudos sobre o Sul Global, construindo uma abordagem que pensa simultaneamente os efeitos materiais da devastação ecológica e suas figurações culturais, simbólicas e sensoriais.

Autores como Laura Barbas-Rhoden (2011), Robert Anderson et al. (2016), Scott Slovic (2022) e o próprio Nixon têm reconhecido o crescente protagonismo da produção crítica e cultural da América Latina e do mundo latino-americano na reconfiguração do campo ecocrítico global. Em suas diferentes dimensões — literária, visual,

performática, audiovisual — essas expressões articulam a violência ambiental a formas históricas de colonialidade, a experiências de marginalização social e a resistências contra-hegemônicas, convocando um pensamento ambiental atento à diferença, à desigualdade e à pluralidade ontológica. Em paralelo aos estudos literários, foram publicadas obras nas áreas da filosofia e na ciência política com um olhar ecológico, um pensamento latino-americano capaz de contaminar outras áreas do globo, a exemplo das muitas traduções das obras filosóficas de Ailton Krenak e do chileno Humberto Maturana; e da relevância do trabalho na área da antropologia dos brasileiros Déborah Danowski e Eduardo Viveiro de Castro e da peruana já citada, Marisol de la Cadena. Essa produção encontrou ecos nos estudos literários e gerou obras, inseridas ou não sob a etiqueta da “ecocrítica”, mas citadas neste dossiê, como as análises dos brasileiros Evando Nascimento, Maria Esther Maciel, Rita Terezinha Schmidt, entre outros.

A singularidade da ecocrítica na América Latina reside, portanto, na sua capacidade de articular crítica estética, justiça ambiental e imaginação de mundos. Ela confronta os legados do Capitaloceno, do Plantationoceno e da colonialidade, ao mesmo tempo em que traça genealogias de resistência que atravessam saberes indígenas, afro-latinos, camponeses e populares. Trata-se de pensar não apenas o impacto da crise ecológica, mas as possibilidades de transformação que emergem da escuta e da leitura atenta às epistemologias silenciadas.

A presente edição da revista reúne uma seleção de estudos que se debruçam sobre as articulações entre literatura e questões ambientais, explorando as dimensões críticas e especulativas da escrita literária em face das transformações ecológicas do nosso tempo. Sob o signo

da ecocrítica e da ecoficção, os textos aqui reunidos compartilham a intenção de repensar os vínculos entre humanidade e natureza, bem como de imaginar outras formas de habitar o mundo num cenário marcado pelas urgências do Antropoceno.

Um exemplo significativo é o ensaio “Notas para uma crítica literária pós-antropocêntrica”, de Virgínia Maria Vasconcelos Leal, que propõe repensar os fundamentos da crítica literária a partir dos impasses do Antropoceno. Partindo do paradoxo entre o caráter antropocêntrico da literatura — enquanto forma de expressão e recepção eminentemente humanas — e a urgência de imaginar relações menos hierárquicas entre humanos e não humanos, o texto propõe uma crítica literária sensível à agência do não humano. Através da análise de obras de autoras brasileiras como Adriana Lisboa, Aline Valek, Clarice Lispector, Alice Ruiz Schneronk e Ana Martins Marques, o artigo delinea caminhos para uma leitura que desestabilize os binarismos ontológicos e valorativos entre natureza e cultura, vida e linguagem, promovendo um deslocamento crítico afinado com perspectivas pós-humanistas e ecocríticas.

Outra contribuição relevante é o artigo “Águas ambíguas: encarnando uma consciência antropocênica através do ecogótico rioplatense”, de Alison Mackey, traduzido por Elton Luiz Aliandro Furlanetto e Lucas Brites Leque, que investiga a apropriação do modo gótico por escritoras do espaço rioplatense como Mariana Enríquez e Fernanda Trías. Através de elementos como corpos mutantes, rios contaminados e infâncias monstruosas, as obras analisadas articulam uma crítica aos modelos extrativistas e à toxicidade ambiental, ao mesmo tempo em que esboçam uma ética especulativa de cuidado multiespécie. O texto sugere que essas narrativas operam dentro

de uma sensibilidade ambígua, marcada por uma “consciência antropocênica” liminar, em que o não humano emerge com agência perturbadora, mas não paralisante — em sintonia com propostas da ecocrítica feminista e dos materialismos pós-humanistas. Essas estéticas do inquietante, ao invés de evocarem apenas medo ou repulsa, abrem espaço para imaginações alternativas diante da ruína dos modelos modernos.

O artigo “*La nueva narrativa latinoamericana del Antropoceno: simpoiesis en el cuento ‘Sincronía del tacto’*”, de Gabriela Damián Miravete”, de Yerson Fabián Fuentes, examina o conto da autora mexicana a partir dos conceitos de *simpoiesis* (Haraway, 2022), transcorporeidade e intra-atividade (Alaimo, 2010). O estudo evidencia como a narrativa desestabiliza os binarismos entre humano e natureza, propondo um regime alternativo de sensibilidade e temporalidade em que a interdependência ecológica é central. A protagonista, atravessada por experiências de reconexão com o mundo natural, emerge como figura de uma subjetividade em metamorfose, cujo trauma advém do rompimento entre corpo e ambiente. A análise propõe, assim, uma leitura que insere a obra no contexto das novas ficções latino-americanas do Antropoceno, comprometidas com a superação da modernidade antropocêntrica.

Na sequência, o ensaio “A onto-política da hospitalidade em *El huésped*”, de Guadalupe Nettel”, de Luis Miguel Barboza Arias, investiga a convivência entre humano e mais-que-humano por meio da relação entre a personagem Ana e a entidade parasitária que habita seu corpo. A partir dos novos materialismos feministas e dos estudos multiespécie, o texto destaca como a obra convoca formas radicais de hospitalidade e de percepção multissensorial que

desafiam noções convencionais de autonomia, corpo e subjetividade. A coexistência proposta pelo romance aponta para uma ecologia do cuidado, em que a vulnerabilidade partilhada se torna fundamento de uma nova ética da habitabilidade e da atenção ao outro.

O artigo “Inconsciência ambiental: reflexões ecodistópicas a partir do romance *A extinção das abelhas*, de Natalia Borges Polezzo”, de Adolfo José e Roseny Alves dos Santos, propõe uma convergência entre a distopia e a ecocrítica sob a rubrica da “ecodistopia”. Por meio da análise do romance, o estudo mostra como a narrativa brasileira contemporânea pode articular imaginários distópicos e preocupações ecológicas, revelando as ansiedades em torno do colapso ambiental. A obra é lida como uma metáfora contundente da alienação humana diante da crise ecológica, oferecendo uma crítica incisiva à nossa inconsciência ambiental e à fragilidade das estruturas sociais frente ao desaparecimento das abelhas – agentes vitais da manutenção dos ecossistemas.

A partir de uma perspectiva distinta, “Caminhos ecocríticos da tragédia Waimiri Atroari: a escrita testemunhal de Stephen Baines e a interpretação do Brasil indígena”, de Cimara Valim de Melo, traz à tona o impacto da Ditadura Militar brasileira sobre os povos originários e seus territórios, particularmente na Amazônia. O estudo enfatiza o valor testemunhal da obra do antropólogo Stephen Baines, cuja escrita revela as consequências do indigenismo empresarial e da violência estatal sobre o povo Waimiri Atroari. Situando-se na intersecção entre antropologia, literatura e ecocrítica, o artigo evidencia como as narrativas de resistência dos povos da floresta compõem uma memória ecológica e política que desafia o silenciamento histórico e propõe a valorização da diversidade biocultural.

Também inserido no horizonte da ficção especulativa, o artigo “Ficção climática como imaginação política no Antropoceno: um estudo da novela ‘Bugônia’, de Daniel Galera”, de Marina Pereira Penteado, investiga os potenciais políticos da *climate fiction*. A análise da novela pós-apocalíptica revela como a literatura pode imaginar formas alternativas de convivência interespecífica diante do colapso climático. No universo de “Bugônia”, um grupo de sobreviventes estabelece uma relação simbiótica com abelhas que produzem um composto medicinal a partir de cadáveres, abrindo espaço para reflexões sobre colaboração interespecie, regeneração e novos contratos ecológicos. A proposta do texto é compreender como a ficção climática pode operar como laboratório de ideias e experiências para pensar futuros possíveis no contexto do Antropoceno.

No campo da poesia, o artigo “Elementos da natureza no poema ‘Lamentos ao pé de um túmulo’, de João Batista de Siqueira (Cancão): do alento à revolta numa perspectiva ecocrítica”, de Jammylly Ferreira e Josivaldo Silva, propõe uma leitura de teor telúrico e emocional. A análise destaca a presença marcante de elementos naturais ao longo do poema, que inicialmente oferecem conforto e transcendência ao eu lírico enlutado, mas que, ao final, tornam-se alvo de revolta. Tal disjunção revela a complexidade das relações afetivas entre humano e natureza, apontando para uma ecocrítica que leva em consideração não apenas os discursos racionais, mas também os registros passionais e contraditórios da experiência ecológica.

Também fazem parte do número, uma resenha escrita por George Amaral sobre o livro *Vocês brilham no escuro*, da escritora boliviana Liliana Colanzi, traduzido para o português por Bruno Cobalchini Mattos — a escritora ficcionaliza o triste episódio da contaminação

pelo Césio-137, Goiânia, em 1987, narrativas com especial interesse ao Brasil. Encerrando o número, uma entrevista conduzida por Ana Rüsche e Elizabeth Ginway, co-editoras dessa edição, com a escritora boliviana Giovanna Rivero, um dos expoentes da escrita especulativa na América Latina. A autora reflete sobre o termo “gótico latino-americano” e seus diferentes usos feitos pela crítica e imprensa, além de abordar os diferentes locais de sua trajetória biográfica e seus efeitos em sua literatura.

Os trabalhos reunidos nesta edição, embora diversos em suas abordagens e objetos, partilham um mesmo impulso: interrogar, por meio da literatura, os modos de vida em crise e os horizontes de transformação possíveis. Seja pela via do testemunho, da especulação, do horror ou da poesia, essas contribuições nos convidam a reimaginar nossas relações com o mundo natural em sua pluralidade, materialidade e agência. Ao fazê-lo, ampliam o campo da ecocrítica e da ecoficção, afirmando o papel da literatura como espaço privilegiado para a experimentação ética, estética e política diante dos desafios do nosso tempo.

REFERÊNCIAS

- ALAIMO, Stacy. *Bodily Natures: Science, Environment, and the Material Self*. Bloomington: Indiana University Press, 2010.
- ANDERSEN, Gregers. *Climate Fiction and Cultural Analysis: A New Perspective on Life in the Anthropocene*. Nova York: Routledge, 2019.
- ANDERSON, Robert, Zelia Bora, orgs. *Ecological crisis and cultural representation in Latin America: ecocritical perspectives on art, film and literature*. Lanham: Lexington Books, 2016.
- DELOUGHREY, Elizabeth; DIDUR, Jill; CARRIGAN, Anthony (Orgs.). *Global Ecologies and the Environmental Humanities: Postcolonial Approaches*. Nova York: Routledge, 2015.

- DELOUGHREY, Elizabeth; HANDLEY, George (Orgs.). *Postcolonial Ecologies: Literatures of the Environment*. Nova York: Oxford University Press, 2011.
- FARRIER, David. *Anthropocene Poetics: Deep Time, Sacrifice Zones, and Extinction*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2019.
- GHOSH, Amitav. *O grande desatino: mudanças climáticas e o impensável*. Tradução de Renato Prelorentzou. São Paulo: Quina, 2022.
- GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (Orgs.). *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Athens: University of Georgia Press, 1996.
- HARAWAY, Donna. Ficar com o problema: Antropoceno, Capitaloceno, Chthuluceno. In: MOORE, Jason (Org.). *Antropoceno ou Capitaloceno?* Tradução de Antônio Xerxerksy e Fernando Silva e Silva. São Paulo: Elefante, p. 66-127, 2022.
- HEISE, Ursula K. *Sense of Place and Sense of Planet: The Environmental Imagination of the Global*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HUGGAN, Graham; TIFFIN, Helen. *Postcolonial Ecocriticism: Literature, Animals, Environment*. Londres: Routledge, 2010.
- LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*. Tradução de Maryalua Meyer. São Paulo: Ubu, 2020.
- MEHNERT, Antonia. *Climate Change Fictions: Representations of Global Warming in American Literature*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2016.
- NIXON, Rob. *Slow Violence and the Environmentalism of the Poor*. Cambridge: Harvard University Press, 2011.
- TREXLER, Adam. *Anthropocene Fictions: The Novel in a Time of Climate Change*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2015.